

ADOLESCENTES E O DESEMPENHO DE SEU PAPEL NA FAMÍLIA: UM ESTUDO TRANSCULTURAL*

ADOLESCENTS AND THEIR PERFORMANCE IN THE FAMILY: STUDY A TRANSCULTURAL

Luiza Akiko Komura Hoga¹
Catarina Terumi Abe²

RESUMO: O pressuposto geral deste trabalho foi uma análise das influências do contexto sócio-econômico e cultural no estilo de vida de adolescentes e a forma como se constitui o desempenho de seu papel de acordo com o contexto familiar na qual estão inseridos. O objetivo foi compreender as similaridades e diferenças existentes na vida de adolescentes pertencentes a dois agrupamentos culturais distintos. Um de adolescentes moradores em uma comunidade de baixa renda (A) e outro, de adolescentes participantes de um Movimento Bandeirante (B), composto basicamente de famílias de ascendência japonesa, ambos da Cidade de São Paulo, Brasil. A Teoria do Cuidado Cultural (Leininger) e a etnoenfermagem foram adotadas como referenciais teórico-metodológicos. Emergiram os temas e subtemas "Tendo que ter muito cuidado e firmeza para a mente não desandar", e "Liberdade e rebeldia" no grupo (A), "Preparando-se para alcançar o sucesso profissional e assim conseguir ser feliz" e "Tentando viver em liberdade e tendo respaldo familiar" no (B). Os dados evidenciam a forte influência do contexto sócio-econômico e cultural determinando diferenças significativas sobre o estilo e projeção de vida dos adolescentes destes dois contextos e a importância de se contextualizar e considerar estas diferenças na assistência à saúde.

PALAVRAS CHAVE: Adolescência; Família; Cuidado cultural.

INTRODUÇÃO

A população jovem brasileira perfaz aproximadamente 19% da população total, o que representa, segundo a Organização das Nações Unidas, cerca de 27,4 milhões de jovens.

A vida na fase da adolescência caracteriza-se pela ocorrência de mudanças que podem ser, muitas vezes, dolorosas e incompreendidas. Os estilos de vida, ora agitados, ora rotineiros, acabam camuflando ou servindo de pretexto para não permitir maior aproximação de pais e adultos com os adolescentes. Considerando as vivências particulares, dificuldades e questionamentos dos jovens, certamente não se constitui tarefa fácil olhá-los como seres integrais.

Lidar com múltiplos jeitos, idéias e propostas que os adolescentes apresentam transforma-se em um grande desafio, pois a transição de uma fase da vida para outra, a vivência das diversidades inerentes à cada fase merecem reflexões. Diante destas, emergem alguns questionamentos: como vivenciar com os referenciais básicos ligados à vida; a convivência em sociedade, regras, liberdade e limites, valores, o antigo e o novo?

Em meio a este processo, a construção da identidade toma contornos significativos, no período da adolescência, pois estão em jogo um conjunto de fatores que despertam para uma nova perspectiva de olhar a vida sobre uma ótica que tenha, para o jovem, um significado próprio. Ao mesmo tempo, esta fase caracteriza-se pela ruptura, ou a transformação física e psicológica para um novo estatuto, criando para o adolescente, desconforto para si mesmo e na relação com os outros.

A educação e a saúde do adolescente assumem vital importância pois implicam em experiência sociais e culturais particulares, quando se consideram as suas necessidades, no exercício pleno da cidadania, como alguém que é sujeito e construtor de sua história, que se afirma enquanto pessoa, a partir do direito à formação

* Auxílio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

¹ Prof.ª Dr.ª Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. Email: kikatuca@usp.br

² Enfermeira Obstetra. Ex-bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

e informação apreendidas, resultantes não da imposição, mas da descoberta e do diálogo. O importante é que a sociedade possa aprender com a juventude, e com eles aprender a sonhar, o que impulsiona experimentar os contrastes entre o ideal e a realidade e o estar aberto ao novo (Pessini, 1997).

Os adolescentes convivem com uma série de dúvidas sobre as transformações que vivenciam em nível físico, mental e principalmente, como um ser social. Estas questões motivaram-nos à busca de um conhecimento mais profundo sobre como é viver a fase da adolescência e os limites existentes entre os comportamentos próprios à fase da adolescência e os devidos ao contexto sócio-cultural em que vivem. São fatores que interagem reciprocamente e o peso que cada um deles exerce sobre o desenvolvimento de cada adolescente não é algo que seja passível de delimitação clara.

O contexto brasileiro caracteriza-se por ser constituído por comunidades de origens étnicas diferentes e famílias vivendo em condições sócio-econômicas muito variáveis e por vezes contrastantes. Nesta realidade, é fundamental estudar sobre o ser adolescente vivendo em contextos sócio-culturais diferentes. Considerando a importância do conhecimento do estilo de vida segundo os contextos socio-culturais e que este conhecimento básico é essencial para embasar o cuidado culturalmente congruente, propôs-se a realização desta pesquisa, cujo, pressuposto geral é explorar profundamente para identificar as similaridades e diferenças existentes entre os adolescentes pertencentes a dois contextos culturais distintos: a) os adolescentes originários de famílias brasileiras que moram em uma comunidade de baixa renda e b) os adolescentes que compõem um grupo escoteiro bandeirante, composto, em sua maioria, por jovens oriundos de famílias de ascendência japonesa, com condições sócio-econômicas características de classe média e média alta. Introduce-se, dessa maneira, a perspectiva comparativa entre duas subculturas distintas, ou a abordagem transcultural, que preocupa-se, fundamentalmente, com um modo de prestar assistência que seja específico e culturalmente congruente às necessidades de indivíduos, famílias e grupos culturais (Herberg, 1995).

ANDREWS (1995) considera que a sociedade dos adolescentes constitui uma subcultura vagamente estruturada, sem leis ou códigos formalmente escritos, mas onde é altamente enfatizada a questão de se viver em conformidade com tais códigos. Um estudo sobre o ser adolescente, com enfoque transcultural assume dupla importância, visto que ele abarca os aspectos de valores, atitudes e crenças próprios desta fase do ciclo vital e, simultaneamente, os referentes ao contexto cultural em que vivem.

As questões relacionadas ao desenvolvimento biopsicosocial dos adolescentes é uma preocupação mundial e especialmente, dos países em desenvolvimento. A Organização Mundial da Saúde estima que, atualmente, existem 1,5 bilhões de jovens com idade entre 10 e 24 anos, sendo que mais de 85% dentre eles, vivem em países em desenvolvimento (Who, 1996).

GREENE; SMITH; PETERS (1995) consideram que as características culturais formam a base essencial para o planejamento e implementação de projetos desenvolvidos com adolescentes. Baseados na experiência com o desenvolvimento de um amplo trabalho de promoção da saúde, com adolescentes afro-americanos, afirmam que as iniciativas de prevenção, relacionadas à saúde integral do adolescente de minorias étnicas, resultam em impactos mais abrangentes quando respaldados na promoção dos valores culturais que os ajudem na preservação da dignidade da própria raça, ensine os instrumentos necessários à promoção de decisões saudáveis e ofereça possibilidades para combater a desigualdade social.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica deste estudo é a Teoria de Enfermagem da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural (Leininger, 1991), que tem como ponto básico a premissa de que o cuidado humano é um fenômeno universal, mas as formas de cuidar variam culturalmente. A enfermagem tem como essência o cuidado, que deve ser conhecido nas suas diversas possibilidades, para que suas ações sejam congruentes com a cultura de seus clientes.

Os principais conceitos que embasam esta pesquisa são:

Enfermagem transcultural – É concebida como um campo de estudo e prática comparativa, que necessita de uma base teórica e de pesquisa para explicar a enfermagem como uma disciplina e guiar a prática;

Universalidade – Refere-se a padrões comumente prevalentes na cultura ou entre culturas;

Etnicidade – Tem um sentido de pertencer a um grupo com características únicas culturais, sociais, de identidade e de linguagem. O grupo tem em comum algumas características de identificação distintas, originárias

de uma língua nacional ou orientação racial. A etnicidade identifica a pessoa pela sua linguagem, dialeto, status migratório, raça, religião e algumas preferências em relação à alimentação.

HERBERG (1995) entende que as subculturas distinguem-se uma das outras e da cultura dominante, devido às suas características e padrões discursivos, vestuário, gestos, hábitos e padrões alimentares e estilos de vida.

SPECTOR (1993) conceitua grupo étnico como um grupo social com um dado status, inserido num grande sistema social, cuja base possui traços complexos de religiosidade, língua, sexo, estilo de vida, ancestralidade, raça e características físicas.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada conforme as etapas preconizadas pelo método que LEININGER (1991) denomina como etnoenfermagem, ou seja, o Observation-Participation-Reflection Model (OPR). Como trata-se de uma pesquisa transcultural, o mesmo método foi desenvolvido em dois contextos culturais distintos, que serão aqui denominados como A e B.

Uma das culturas refere-se a uma comunidade constituída por cerca de 350 famílias brasileiras de baixa renda (favela urbanizada) – cultura A. Ela começou a formar-se há cerca de 20 anos, cujos primeiros moradores chegaram ao local em busca de moradia. Alguns deles foram obrigados a sair de suas residências de origem, na mesma cidade, por diversas causas como falta de recursos financeiros para continuar pagando aluguel, outros porque moravam em locais muito distantes do trabalho e ali teriam melhores recursos de transporte, entre outras facilidades. A liderança local possui uma história de vida de luta por melhores condições de vida (moradia, saneamento básico, saúde, escola, entre outras) e, atualmente, a vila, como eles próprios denominam, encontra-se totalmente urbanizada. Algumas famílias emigraram de outras regiões do país, principalmente do nordeste do Brasil, região muito carente. Os adolescentes da cultura A podem ser considerados como integrantes de uma subcultura porque a maioria deles nasceu no local, possuem semelhanças quanto ao estilo de vida, habitação, sobrevivência, educação e compartilham as suas idéias nas ruas, passeio, brincadeiras, entre outras atividades. A inserção de uma das pesquisadoras nesta subcultura ocorreu há cerca de oito anos, como membro de um núcleo de assistência e pesquisa mantido por docentes da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. As atividades nesta comunidade iniciaram-se por meio do atendimento à liderança comunitária, que solicitou assistência à saúde às gestantes, puérperas e seus recém-nascidos. No decorrer destes anos têm-se desenvolvido várias atividades de promoção da saúde, inclusive grupos de educação para a saúde dos adolescentes.

A cultura B é constituída de adolescentes participantes de um movimento bandeirante e congrega, em sua maioria, jovens descendentes de japoneses e seus familiares. Estes adolescentes desenvolvem suas atividades nas dependências de um clube recreativo e a inserção de uma das pesquisadoras nesta subcultura deu-se em razão de ser associada deste clube. Também podem ser considerados como integrantes de uma subcultura pois compartilham regras sociais, possuem costumes familiares comuns, além de outras afinidades como o acesso à educação e estilo de vida. Suas famílias possuem um padrão de vida de classe média e média-alta. Embora a cultura B tenha sido assim denominada para facilitar a sua menção no decorrer deste trabalho, a sua caracterização é mais próxima da definição de grupo étnico (SPECTOR, 1993).

A história da imigração japonesa no Brasil revela que os japoneses começaram a chegar a este país há 90 anos, e atualmente vivem no Brasil, cerca de 1,3 milhões de descendentes de japoneses (SHIRAHATA, 1996); (CIOFFI, 1998). Os primeiros japoneses que aqui chegaram, encontraram uma realidade diferente daquela sobre a qual haviam sido informados, o que provocou-lhes grande desilusão. Ao longo desses anos, os japoneses de primeira geração constituíram-se em núcleos da comunidade denominada "nikkey", contribuíram para o progresso brasileiro, envelheceram e muitos já faleceram. Atualmente, os seus descendentes encontram-se na terceira e até na quarta geração e representam o maior contingente da coletividade nikkey vivendo no exterior.

As culturas A e B estão localizadas na região metropolitana da Cidade de São Paulo, Brasil.

Foram informantes deste estudo, adolescentes de ambos os sexos, pertencentes à faixa etária entre 12 a 18 anos. Na cultura A foram entrevistados 15 adolescentes, 9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, e na cultura B, 21 adolescentes, 9 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Eles foram entrevistados por meio de questões descritivas (SPRADLEY, 1979), alguns individualmente, outros em grupos, conforme o desejo deles,

dentro dos seus próprios contextos culturais. Quando o adolescente concordava em participar da pesquisa, este era questionado por meio de uma pergunta descritiva ampla: "Você poderia falar-nos sobre a sua vida?". Não houve nenhuma recusa em ser informante deste estudo.

Eles foram sendo incluídos até que os dados evidenciassem a saturação, preconizada por LEININGER (1991), como um critério qualitativo de pesquisa que consiste na exploração exaustiva das dúvidas ora em estudo.

Análise dos Dados

Foi realizada conforme LEININGER (1991):

- 1- Coleta e documentação dos dados brutos, onde o pesquisador coleta, registra e inicia a análise de dados relativos ao tema;
- 2- Identificação de descritores e componentes – os dados são estudados para buscar semelhanças e divergências de afirmações e comportamentos;
- 3- Análise contextual e de padrões – os dados são escrutinizados para se descobrir padrões de comportamento, significados estruturais e análise contextual;
- 4- Temas, achados relevantes e formulações teóricas é a fase mais refinada de análise e de síntese de dados. Requer reflexão, elaboração de modelo e análise criativa de dados.

A DESCRIÇÃO DAS CULTURAS

Optou-se neste artigo, omitir a apresentação em separado dos descritores culturais de cada grupamento cultural e apresentar apenas os temas culturais de cada um deles. Estes serão seguidos por uma discussão das similaridades e diferenças que mais se evidenciaram entre as duas culturas.

A Cultura A

Tema Cultural - Tendo que ter muito cuidado e firmeza para a mente não desandar: O adolescente, morador desta vila, necessita constantemente estar cuidando de si, pois vive envolto em grandes problemáticas sociais e leva uma vida marginalizada e sem planejamento nem rumo definido, provocando uma sensação de vazio e de falta de expectativas positivas em relação ao seu futuro.

Precisa ser muito firme para que seus passos não se desvirtuem, pois vive atolado em meio às preocupações de sobrevivência imediata e de privação em muitos aspectos, e dentro deste panorama, vivem da melhor forma que lhes é possível, o seu próprio dia-a-dia.

O cuidado e a firmeza que necessitam para se manterem em uma trajetória positiva de vida, é conquistada individualmente, cujos esforços se somam aos de membros de sua família. Os adolescentes buscam alternativas, como o estudo, os "bicos", a firmeza de pensamento e recursos que lhes são ofertados, como a permanência em um centro da juventude, onde recebem respaldo de orientadores educacionais. A família proporciona a sensação de amparo, onde é preponderante o papel materno, muito positivo aos olhos deles, embora exista, em alguns casos, o contraponto representado pela imagem negativa, proveniente da figura paterna.

Subtema cultural - Liberdade e rebeldia: Os adolescentes expressam o gosto pela liberdade e rebeldia, mas ao mesmo tempo, julgam necessitar do controle familiar, pois a liberdade total sem nenhuma espécie de freio por parte de alguém, os faz sentirem-se muito perdidos. Desejam pertencer a uma família e serem guiados por ela, receber o seu carinho e ter uma trilha de vida levemente traçada, o que lhes confere a sensação de estarem orientados e terem pistas a serem seguidas. Mas não pode faltar uma boa margem de liberdade, pois isto é uma oportunidade para conferir uma marca pessoal ao seu caminho.

A Cultura B

Tema cultural - Preparando-se para alcançar o sucesso profissional e assim conseguir ser feliz: O aspecto imperativo na vida desses adolescentes é a preocupação em relação a todos os fatores que envolvem o alcance do sucesso profissional, quando chegarem à vida adulta, pois este é um requisito essencial para o

alcançe da felicidade. Tudo que se relaciona a essa preparação para o futuro, assume o principal papel na hierarquia de valores atribuídos às atividades desenvolvidas pelos adolescentes e reflete-se na estruturação que é dada à vida cotidiana destes adolescentes.

Buscam inúmeros cursos que contribuem para o melhor preparo profissional e pessoal. A fluência em várias línguas estrangeiras e a familiaridade com recursos tecnológicos são muito valorizados.

Uma vez atendido o requisito da boa formação acadêmica, colocada em primeiro plano, os adolescentes ocupam o tempo restante com outras atividades, como o lazer, esportes e entretenimentos. Estes são uma concessão dos pais, desde que os adolescentes cumpram a primeira prioridade: estar em bom processo de preparo para a vida profissional.

Subtema cultural - Tentando viver em liberdade e tendo respaldo familiar: Este subtema demonstra que os adolescentes são conscientes de que a fase da vida em que se encontram é um período muito breve, e tentam viver o mais plenamente possível a sensação de ser livre.

Esta expectativa leva-os à busca de um leque maior de sensações, chegando até ao ponto de cometer pequenas contravenções pelo simples fato de ter a satisfação de vivenciar uma nova emoção.

A ausência destas vivências causa a sensação de não estarem vivendo plenamente a fase da adolescência e, em meio a esta busca incessante por novas experiências, possuem também a consciência de que devem satisfazer aos desejos de seus pais e não se furtar ao atendimento das expectativas que são formuladas por seus familiares.

Os conselhos e as orientações provenientes de seus pais são aceitos pelos adolescentes com certa facilidade, e esta interação pais-filhos proporciona um direcionamento para a vida deles.

Os pais vigiam constantemente os comportamentos de seus filhos, e tentam dosar a liberdade concedida, aos seus filhos, com a vigilância necessária para que estes não rumem para caminhos indesejáveis, que possam prejudicar a boa formação pessoal e profissional, pois estes são requisitos fundamentais para a conquista da felicidade.

AS SIMILARIDADES E AS DIFERENÇAS ENTRE AS CULTURAS

Quanto ao ser adolescente, ambas as culturas classificam a adolescência como uma fase boa. A cultura A ressalta mais aspectos negativos que positivos. Suas vidas são repletas de confusões, sofrem preconceitos, além de não terem um rumo definido na vida. Queixam-se de que, devido às condições sócio-econômicas em que vivem, não podem levar uma "vida de adolescente", pois são obrigados ao amadurecimento precoce, pois assumem muitas responsabilidades e alguns papéis sociais característicos da vida adulta, como ter que se responsabilizar por um irmão(ã) menor em consequência da desestruturação familiar.

Sentem-se discriminados pelas pessoas e possuem a sensação causar-lhes medo. Levam um tipo de vida monótona e sofrem uma grande sensação de vazio existencial. Muitos estão fora do sistema formal de educação básica e não chegaram a alcançar nenhum nível de profissionalização.

Os adolescentes da cultura B julgam suas vidas como sendo complicadas, difíceis e agitadas, mas sempre direcionadas pela família. Existe constante preocupação em corresponder às expectativas dos pais. Preocupam-se com sua formação, para saírem-se melhor que os outros, e têm a ambição de um bom futuro. Sentem-se responsáveis pelo direcionamento de suas vidas, mas não possuem a preocupação de ajudar no sustento familiar, como ocorre na cultura A.

Quanto à vida cotidiana os adolescentes da cultura A preenchem o seu dia-a-dia com atividades rotineiras. Os poucos adolescentes que estudam, cuidam também dos afazeres domésticos, pois a maioria das mães trabalham fora. Fazem "bicos" para ganhar dinheiro e contribuir para o sustento familiar. As opções de lazer são restritas, como ir ao Centro da Juventude, ficar em roda de amigos conversando ou passeando em grupo.

Os adolescentes da cultura B, dedicam a maior parte do dia aos estudos e cursos, e o tempo restante é ocupado com a prática de esportes e a televisão. As atividades de lazer são diversificadas, como viagens, festas, shoppings centers, promoções culturais, danceterias e clubes. Os lugares freqüentados por eles são diferentes se comparados aos da cultura A, provavelmente em decorrência do fator sócio-econômico. Poucos são os jovens que trabalham, e se o fazem, é por opção, sem a responsabilidade da ajuda financeira à família.

O relacionamento com os pais e a educação familiar possui bastante semelhanças se observadas as duas culturas. Ambas visualizam a família como um suporte importante e a respeitam. Identificam que o controle por parte da família sobre suas vidas é necessário, para não se sentirem desamparados. Nestas duas culturas observa-se maior facilidade de diálogo com a mãe, pois esta é a fonte maior de orientações sobre diversos assuntos, e possuem disponibilidade maior de tempo e atenção. A relação com o pai, mostra-se mais distante ou "mais fechado", se comparado às mães.

Na cultura A, há relatos de alguns jovens cujos pais não oferecem oportunidades de diálogo, e além disso, são fonte de medo e chegam a ser agressivos. Convivem, também, com a problemática de algumas mães que são alcohólicas e agridem fisicamente seus filhos. Estes, conseqüentemente, saem de casa precocemente, por não suportarem o ambiente doméstico e o difícil relacionamento com a figura paterna.

Na cultura B, é possível notar um controle maior por parte dos pais sobre seus filhos, tanto no que se refere aos passeios, amizades, namoro como respeito aos horários. A cobrança pelo melhor desempenho escolar é uma constante e os pais estão sempre orientando e alertando seus filhos para a necessidade de alcançarem uma boa formação básica pessoal e profissional.

Nas expectativas em relação ao futuro, todos os jovens desejam "ser alguém na vida", o que significa ter um bom emprego e constituir família. Na cultura A, o trabalho é visualizado como uma forma de poder sair do atual contexto de moradia e ir morar em outro local com seus familiares. Tentam esquecer que um dia foram "favelados" e não possuem uma expectativa de vida formada, pois estão aguardando o futuro chegar, para então, pensar sobre ele. Quanto à profissionalização, eles a veem como algo distante e difícil, o que faz com que eles levem a vida em certa ociosidade e preencham o tempo com atividades que lhes estão ao alcance, como jogos ou alguns esportes como futebol ou sinuca. Têm como ideal apenas um emprego qualquer, pois não possuem a formação necessária que possibilite almejar uma melhor colocação no mercado de trabalho.

As perspectivas dos adolescentes da cultura B são diferentes. Estudam visualizando uma carreira profissional brilhante, pois esta é essencial ao alcance da satisfação pessoal e de sua família. Possuem um rumo levemente delineado pelos pais, cujas características são concluir um curso de nível superior, obter sucesso profissional e oferecer, à sua futura família, uma boa qualidade de vida.

No relacionamento com o sexo oposto, os adolescentes da cultura A presenciam, em geral, relacionamentos instáveis entre seus pais no cotidiano familiar e possuem uma idéia negativa sobre o casamento e o sexo oposto. Referem apenas aspectos negativos no relacionamento entre os gêneros. O mesmo não ocorre com os adolescentes da cultura B, onde observa-se uma maior estabilidade no relacionamento entre seus pais e não se observou aspectos conflitantes nas relações de gênero entre estes adolescentes.

Na questão das drogas e dos vícios, nota-se a existência da problemática das drogas nas duas culturas. Na cultura A, os adolescentes convivem no dia-a-dia com as drogas e presenciam o tráfico na comunidade. Relatam que é difícil não experimentar ou não fazer uso delas, pois constantemente seus companheiros lhes oferecem e insistem no seu uso ou tráfico. Diante disso, muitos adolescentes passam a ter contato direto com a droga, como uma forma de igualarem-se aos demais e não sofrerem preconceitos. A não adesão à regra pode implicar na condição de serem muito discriminados pela turma e, conseqüentemente, perderem o ambiente para convívio.

Os argumentos dos adolescentes para justificar o uso das drogas foram o desgosto pela vida, por não poderem visualizar prosperidade para si, e, em ter inúmeros problemas familiares. São tomados pela sensação de não terem nada a perder e geralmente, o impulso que leva-os à experiência e iniciação no mundo das drogas, é uma ocorrência pessoal trágica, como a perda de um ente querido, que de certa forma, acaba desestruturando algo que já se encontrava fragilizado no contexto pessoal e familiar.

Na cultura B, todos já tiveram alguma oportunidade de conhecer a droga, seja por amigos usuários ou conhecimento da fonte de obtenção. Estes, porém, conseguem permanecer distantes e enfrentam a presença da droga, rejeitam o seu uso e permanecem alertas para não se envolverem com pessoas que a usam. Além disso, observa-se uma constante vigilância dos pais destes adolescentes quanto a estes aspectos.

Na cultura A, os adolescentes mencionaram os problemas que enfrentam no seu cotidiano. O fato de serem moradores de uma "ex-favela" é significativo ao procurarem um emprego ou ao tentarem fazer novas amizades com aqueles que não pertençam à mesma comunidade. Muitas vezes, sentem vergonha de sua realidade sócio-econômica e habitacional; e, sofrem as conseqüências da estigmatização inerentes a sua condição.

Queixam-se também de não poder estudar, porque necessitam ganhar dinheiro e para isso, muitos ficam nos faróis pedindo ajuda. O fato de não poderem fazer o que gostam e de sentirem ausência de expectativas em relação ao futuro, é gerador de desestímulo muito grande em relação à vida e constituem-se em fonte de revolta.

Morar nessa comunidade implica na necessidade de se submeterem a regras sociais, terem uma vida controlada por outros moradores, onde quem foge ao padrão estabelecido é motivo de comentários e discriminação. Como conseqüência, sofrem a falta de liberdade para projeção de sua individualidade e conseguem apenas manter relacionamentos sociais superficiais.

Os adolescentes da cultura B relataram a respeito de sua vivência no "bandeirantismo" e avaliam este como um ambiente legal, que favorece o desenvolvimento de um círculo maior de amizade, aprendem a trabalhar em conjunto e a enfrentar desafios, entre outros. Fazem parte do movimento porque gostam e sentem-se mais livres, além de terem a oportunidade de preencher o tempo nos poucos momentos de ociosidade.

PRINCÍPIOS E RECOMENDAÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ADOLESCENTE

Os adolescentes da cultura A tentam cuidar por si mesmos de sua própria vida, na tentativa de manterem-se num rumo de vida que gostariam de ter para si. A realidade do cotidiano, entretanto, impõe-lhes um difícil desafio, pois coabitam constantemente com a problemática da droga, sofrem as conseqüências do estigma social crônico e em meio a esta realidade, suas chances de transposição de obstáculos e visualização de possibilidades de melhoria da qualidade de vida são muito limitadas.

Pode-se visualizar que, em um futuro breve, serão adultos sem profissionalização formal e preparo quanto a educação básica, o que certamente fará com que continuem a viver em situação de marginalidade social.

Numa fase em que a pessoa encontra-se em busca da própria identidade, certamente ela optará por alguma, como uma forma de tentar preencher uma lacuna existente em sua trajetória de vida. É muito comum encontrarmos jovens que optam por uma gravidez, que mesmo indesejada, constitui-se numa forma de possuir identidade e razão para viver. Ocorre, até mesmo, a opção por um casamento precoce, como forma de fuga de uma realidade familiar que não conseguem suportar.

Estes dados evidenciam que a prevenção da ocorrência da gravidez na adolescência vai muito além da mera transmissão de informações sobre métodos anticoncepcionais. Demanda também um árduo trabalho que possibilite levar os adolescentes à reflexão sobre a gravidez, fazendo-os visualizar que ela não será a solução mais adequada para a sua problemática de falta de identidade, solidão, conquista de companhia entre outros.

Na cultura B observou-se a ocorrência da gravidez seguida por aborto provocado. Os próprios adolescentes afirmaram que, muitas vezes, praticam o coito sem a adoção de medidas anticonceptivas e dizem que são levados à esta prática pelo clima de romantismo inerente a estas situações. Cabe aqui lembrar que os adolescentes, além de serem orientados quanto ao uso de medidas anticonceptivas adequadas à fase em que se encontram, devem ser conscientizados quanto à uma característica própria desta fase, qual seja, considerarem-se como seres que se encontram protegidos de qualquer ameaça ou o "comigo isso não vai acontecer". Colocando-se sob este manto de proteção que imaginam ter, lançam-se em investidas como o relacionamento sexual sem proteção anticonceptiva.

A questão da gravidez na adolescência, que encontra-se presente na maioria dos contextos sócio-econômicos e culturais é um exemplo claro sobre a diversidade existente na gênese desta problemática. Torna-se evidente que a assistência a ser preconizada para a prevenção desta ocorrência deve ser igualmente diversa e específica, de acordo com a singularidade, característica dos sujeitos envolvidos no processo.

A sensibilização dos adolescentes sobre a certeza de que "eles terão um futuro" (GREENE; SMITH; PETERS, 1995) e que muitos aspectos desse futuro estão na dependência direta de providências e atitudes adotadas no seu devido tempo, com base nas possibilidades reais do contexto em que se encontram, constituem-se em medidas possíveis de serem efetivadas por meio de projetos assistenciais.

A visualização de um projeto de vida ou uma meta a alcançar, permite emergir no adolescente, a perspectiva sobre a importância de investimento a longo prazo, por onde o adolescente perceberá menor dificuldade para trilhar os passos indispensáveis para a superação de suas dificuldades cotidianas.

A problemática relacionada às diferenças entre os gêneros também emergiram neste estudo. O cotidiano familiar dos adolescentes da cultura A, caracteriza-se pela existência de uma idéia negativa acerca dos

relacionamentos entre os sexos. Nesta cultura, o papel de gênero - masculino e feminino encontra-se deteriorado na imagem que os adolescentes fazem a este respeito. Esta deturpação certamente trará conseqüências na vida dos próprios adolescentes, pois o imaginário negativo sobre o papel de gênero, terá seus reflexos sobre as formas de comportamento frente às demais pessoas e à sociedade, pois os papéis masculinos e femininos possuem vinculação especial com a sexualidade e produzem repercussões no contexto mais amplo da sociedade.

A conquista da igualdade de gêneros é vista por MUNDIGO (1995) como um grande desafio. A seu ver, as condições sociais, econômicas e ideológicas prevalentes em muitas partes do mundo, inclusive o Brasil, terão que sofrer mudanças drásticas para a obtenção de sucesso nesta busca.

A dissolução conjugal muito freqüente na cultura A, com conseqüente aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, traz, como resultado, o enfrentamento de um papel parental duplo, que é extremamente difícil para as mulheres e seus filhos (MUNDIGO, 1995).

Os adolescentes da cultura B preocupam-se com sua formação, esboçam uma carreira profissional desejada e a família cumpre com seu papel de oferecer apoio e orientação para que tal objetivo seja alcançado.

Apesar desses adolescentes não sofrerem as mesmas imposições existentes na difícil realidade dos adolescentes da cultura A, eles (B) sofrem cobranças implícitas ou explícitas que iniciam-se na fase da infância e vai aumentando de intensidade até atingir maior grau na fase final da adolescência. Neste período, são constantemente controlados para ter o melhor desempenho acadêmico, visando o ingresso no curso superior almejado.

As imposições dos pais para que seus filhos correspondam ao suporte educacional oferecido, é muito grande. Parece pairar no ar a postura, quase incondicional, de ter que ingressar numa boa escola de nível universitário. Frente a isso, é possível notar, a ansiedade quase latente sentida por estes jovens. O que vislumbram para si já está estabelecido e é razão dos investimentos iniciados desde a infância, o que ressalta a importância da família no desenvolvimento do papel do adolescente neste contexto.

Os dois contextos descritos sugerem que a promoção da saúde mental é fundamental na fase da adolescência, embora muito diversificadas sejam as necessidades deste âmbito, de acordo com cada contexto sócio-cultural.

Quando a enfermeira visualiza a sua clientela, ela deve lembrar que o cliente é parte de um sistema multifacetado, do qual ele provém. Deve-se considerar então, a sua família nuclear ou extensa, a comunidade étnica e deve estar ciente de que todos os componentes desse sistema, são relevantes para o cliente. LOVETT-SCOTT; ULLMAN (1994) afirmam que a enfermeira deve identificar quais os fatores do sistema que são fonte de suporte e aqueles que provocam estresse na pessoa.

Quanto à problemática da droga, a sua utilização e tráfico na cultura A possuem raízes profundas que o conjunto da sociedade não está conseguindo controlar, pois aquela associa-se diretamente à precariedade da situação sócio-econômica. Os fatores determinantes na utilização da droga são as ocorrências pessoais e familiares adversas e desastrosas, como a morte materna ou de algum familiar, que desestruturam a vida dos adolescentes. Tais situações constituem-se em impulso para que os jovens recorram à droga, e este constitua-se numa forma de fuga da realidade que não conseguem suportar.

A problemática das drogas, apesar de presente cultura B, assume outras características. A orientação freqüente por parte dos pais, associado a um posicionamento em relação as próprias condutas, mantém a situação dentro de um certo controle e os adolescentes distanciados das drogas.

Esta pesquisa reafirmou mais uma vez que a formulação de "respostas" às demandas de saúde devem atender as especificidades do contexto onde ele ocorre. Caso contrário, há o risco do não atendimento das necessidades dos clientes (GREENLEAF, 1991; LEININGER, 1991; McCARTHY et al, 1991; WENGER, 1991; LOVETT-SCOTT; ULLMAN, 1994; ANDREWS, 1995; HERBERG, 1995).

O tema cultural "ter que ter muito cuidado e firmeza para a mente não desandar" indica a necessidade de um enfoque integral para a promoção da saúde, neste caso com prevalência da saúde mental, e com ênfase na pessoa do adolescente. Isto reforça as sugestões de FRIEDMAN (1994), que recomenda não visualizá-los como sujeitos portadores de "problemas" em potencial, pois este enfoque é restritivo e leva a soluções específicas

e limitadas a questões pontuais. Reforça que o processo saúde-doença insere-se numa dimensão ampla, com os fatores em interação recíproca.

As necessidades dos adolescentes estão intimamente relacionadas às suas condições de vida que priva-os de muitas oportunidades e não lhes permitem estabelecer uma trajetória de vida. Esta fica esvaziada de sentido, na medida da ausência de uma projeção favorável para o futuro próximo, provocando grande dano à saúde mental deles. Uma vida onde se associam a ociosidade e a carência, favorecem a prática de pequenas contravenções, cujas emoções e produtos favorecem o "desandar da mente", que é o impulso inicial para a marginalidade, e evidencia que a promoção da saúde integral do adolescente está na dependência do desenvolvimento do seu próprio meio sócio-econômico e cultural.

O conhecimento sobre como é ser adolescente vivendo nestes contextos sócio-culturais foi um passo fundamental que permitiu estabelecer que a relação cuidado/contexto é condição essencial para a provisão de um excelente cuidado cultural (WENGER, 1991). A fundamentação do cuidar, no conhecimento específico do contexto sócio-cultural, é uma forma genuína de atendimento às reais expectativas e necessidades dos adolescentes, no tocante à promoção da saúde (ANDREWS, 1995).

Uma tentativa de inclusão dos adolescentes que vivem em situação de marginalidade social, como observada na cultura A é de responsabilidade de todos os cidadãos, cada qual dentro de seu papel, na sociedade mais ampla e principalmente as pessoas mais diretamente envolvidas com estes adolescentes, como os profissionais da área educacional, de saúde e promoção social. Não há dúvida de que, qualquer tentativa de contribuição na promoção da vida do adolescente marginalizado deve estar respaldada em conhecimento profundo sobre como é a vida deles, pois este conhecimento prévio é fundamental para nortear quaisquer iniciativas que busquem a transformação desta realidade.

Para finalizar, consideramos que, apesar da existência de um certo consenso sobre alguns parâmetros já conhecidos em matéria da promoção da saúde e qualidade de vida dos adolescentes, devemos admitir que ainda ignoramos muitos aspectos, e o seu desvendamento seguido por ações concretas de promoção da vida dos adolescentes é um desafio que coloco para todos nós.

ABSTRACT: The general purpose of the present study was to explore the socioeconomic and cultural context of adolescents' life styles and at the same time, understand, describe, and analyze either similarities and differences affecting the lives of two culturally distinct groupings living in the city of São Paulo, Brazil : One was composed by a low income community adolescents and the other was constituted by adolescents participants of a Scout Movement, mainly constituted by Japanese descendants. Leininger's Theory of Culture Care Diversity and Universality (1991) and the ethn nursing research method were adopted as theoretical and methodological study referents. The following themes and subthemes were seen to emerge : "Careful attention and determination to keep the mind from wandering" and "Freedom and defiance", in the group (A) "Preparing to achieve professional success and attain happiness" and "Trying to live with freedom while provided by family support" in (B). Findings evidenced the strong influence of the socioeconomic and cultural context which determine significant differences concerning those adolescents' life styles studied within both domains and the importance of contextualizing and considering those differences in their health care.

KEY WORDS: Adolescence; Family; Culture care.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDREWS, M.M. Transcultural perspectives in the nursing care of children and adolescents. In: ANDREWS, M. M. ; BOYLE, J. S. Transcultural concepts in nursing care. 2. ed. Philadelphia : Lippincot, 1995. cap.4, p.123-80.
2. CIOFFI, S. O Japão misturou sua história à do Brasil. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 jan. 1998. Caderno 6, p.1.
3. FRIEDMAN, H. L. Obstáculos para la salud de los adolescentes. Network, v.9, n.1, p.4-6, 1994.
4. GREENE, L. W.; SMITH, M. S.; PETERS, S. R. I have a future. Comprehensive adolescent health promotion: cultural considerations in program implementation and design. J. Health Care for Poor and Underserved. v.6, n.2, p.267-83, 1995.

5. GREENLEAF, N.P. Caring and not caring: the question of context. In: CHINN, P.L. Anthology on caring. New York : NLNP, 1991, cap.6, p.71-82.
6. HERBERG, P. Theoretical foundations of transcultural nursing. In: ANDREWS, M. M.; BOYLE, J. S. Transcultural concepts in nursing care. 2.ed. Philadelphia : Lippincott, 1995. cap.1, p.3-47.
7. LEININGER, M.M. Culture care diversity & universality: a theory of nursing. New York : National League for Nurs., 1991. cap.2 p.73-118. Ethnonursing: a research method with enablers to study the theory of culture care.
8. LOVETT-SCOTT, M.; ULLMAN, M. A. Cultural diversity in mental health nursing. In: VARGAROLIS, E. M. Foundations of psychiatric mental health. 2.ed. Philadelphia : Saunders, 1994. cap.4, p.69-88.
9. Mc CARTHY, M. P. Caring conceptualized or community nursing practice: beyond caring for individuals. In: CHINN, P. L. Anthology on caring. New York : NLNP, 1991, cap.7, p.85-93.
10. MUNDIGO (1995)
11. PESSINI, L. Saúde e adolescência: conflitos, conquistas e perspectivas. Mundo da Saúde, São Paulo : v.21, n.2, p.67, 1997.
12. SHIRAHATA, Y. A transmissão da cultura japonesa-caminhos para um sistema multicultural. In: NINOMIYA, M. O futuro da comunidade nikkey. São Paulo : Mania de Livro, 1996. p.21-35.
13. SPECTOR, R. Culture, ethnicity and nursing. In: POTTER, P.; PERRY, A. Fundamentals of nursing: concepts, process and practice. St. Louis : Mosby. p.95-116.
14. SPRADLEY, J. The ethnographic interview. New York : Holt, Rin.and Winston, 1979.
15. WENGER, A.F.Z. The role of context in culture-specific care. In: CHINN, P.L. Anthology on caring. New York : NLNP, 1991. cap.8, p.95-110.
16. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Family & reproductive health. Geneva, 1996.